



José Manuel Tribolet

61 anos, engenheiro eletrotécnico, professor catedrático de Sistemas de Informação no Instituto Superior Técnico/UTL

É preciso aprender a ganhar dinheiro com a crise

Como espera que Portugal esteja, nos próximos dez anos, em termos de competitividade da economia nacional e da inovação empresarial?

Tenho uma visão irremediavelmente otimista perante o futuro! Acredito que, de todo este doloroso processo em que já estamos imersos, se reforçarão as empresas mais dinâmicas e humanamente preparadas, que alargarão a sua presença nos mercados internacionais, com produtos e serviços de valor acrescentado em todos os sectores, dos mais tradicionais aos mais avançados e inovadores.

Ao longo das duas décadas passadas, o País mudou muito, felizmente. O turbilhão destrutivo a que vamos ser sujeitos, nos próximos anos, vai eliminar muito "tecido velho e desadequado" face às duras realidades do cruel mundo atual. Irá libertar a sociedade portuguesa da presença tutelar negativa de uma máquina estatal caríssima, ineficiente, omnipresente e dominada por grupos de interesse, preparando o País e as suas gerações ativas para a afirmação das nossas capacidades produtivas e de serviços com classe mundial – são muitas e valiosas e exigem o nosso melhor esforço, todos os dias.

Estou confiante na capacidade de inovação, organização, sacrifício e empenhamento dos portugueses e que vão aprender a ganhar o seu dinheiro no mundo. Não porque, coitadinhos, precisam e merecem subsídios e empréstimos dos "outros", que são mais ricos e capazes, mas sim porque são tão bons como os outros.

Daqui a 10 anos, estaremos, face ao futuro, muito melhor do que hoje. Confio que a nova geração de políticos seja capaz, com a preciosa ajuda da crise, de concretizar a mudança de estado mental e psicológico que os portugueses precisam e merecem ter. Estejamos todos gratos, pois temos a possibilidade de fazer esta transformação e esta mudança de estado mental e cultural num ambiente de paz. Muitos outros países só o fizeram em contextos de guerra. Demos graças pela paz que desfrutamos e não nos desviemos dela.

Quais são as medidas a implementar para chegarmos a esse cenário?

Rigor, exigência e transparência e, ainda, trabalho, trabalho e trabalho; e o "armar de jogo" nacional. Setor a setor, congregar vontades para armar jogo, definir objetivos partilhados, ganhando nas batalhas da exportação, da qualidade total, do desenvolvimento de competências e da defesa dos valores. Setor a setor, procurar definir programas de ação, envolvendo interesses múltiplos: empresas, autarquias, universidades, visando o desenvolvimento e a demonstração de produtos e serviços com capacidade exportadora. Com muito pragmatismo, para atingir resultados e sem deixar envenenar tudo isto com a procura de "subsídios públicos", que, felizmente, vão ser mais difíceis de obter por falta de verbas... Fazermos em conjunto o que vale a pena fazer em valor absoluto; o que tem potencial de retorno.

"Estou confiante na capacidade de inovação, organização, sacrifício e empenhamento dos portugueses"

Considerando os seus projetos pessoais e profissionais, onde espera estar daqui a uma década?

Tenho 61 anos. Ao longo da próxima década, espero produzir mais uns cinco doutorados em

Engenharia Empresarial; consolidar a oferta de formação pós-graduada para os profissionais empresariais ao longo da vida, no IST; reforçar a capacidade de produção de capital humano e de conhecimento do sistema INESC, mantendo-o ao serviço do País e dos seus associados, com a excelência e o rigor que tem hoje, 30 anos após a sua criação. E ainda contribuir para a modernização da Administração Pública, em particular da Justiça e, de um modo geral, nas infraestruturas e nos sistemas de informação e comunicação do Estado. São áreas onde se pode poupar e ganhar milhares de milhões na próxima década; e eu sei como! Não é estranho por que é que ninguém com responsabilidade pergunta como? A resposta para esta "million dollar question" é simples: Não há ninguém com responsabilidade nestas matérias! Não há rei nem roque nestes assuntos. Será que alguém, nos próximos 10 anos, vai descobrir isto?

Aos 71 anos, espero estar com saúde, a desfrutar a minha família, os meus amigos e o meu país, tendo acertado a 100 por cento nestas previsões, ou talvez não, mas, sobretudo, com a consciência de dever cumprido, perante Deus, perante o meu país, a minha família e os valores cristãos. ■